

Noventa anos da morte de José Carlos Mariátegui

Apresentação “Bird-Amauta”

DENI ALFARO RUBBO* E LEANDRO GALASTRI**

Peruano, latino-americano e internacionalista, marxista “convicto e confesso”, organizador cultural e político em seu país, autodidata e de origem plebeia, José Carlos Mariátegui (1894-1930) é o Charlie Parker do pensamento social e político latino-americano. Uma obra clássica e *desmesurada*, que interrogou e questionou seu tempo diante da complexidade de desafios existentes. Com uma curta vida marcada por altos e baixos, a trajetória e a obra do pensador peruano despertam ainda uma mistura de mistério e fascinação para anticapitalistas inconformados. Mesmo depois de 90 anos de sua morte prematura, as novas gerações redescobrem sua trajetória *errante*, muitas vezes, por “acasos objetivos”, em espaços de socialização política, cultural e acadêmica.

Mariátegui construiu uma produção extensa e multifacetada. Durante a década de 1910, em plena juventude, escreveu poesias, contos, peças de teatro, crônicas e artigos para jornais e revistas da capital peruana. Na década subsequente, o escritor andino inicia uma nova fase, conhecida como “idade madura” – afinal, um latino-americano tornava-se adulto muito mais precocemente do que um europeu. Depois de sua experiência europeia, entre final de 1919 e início de 1923, Mariátegui retorna ao seu país de origem com novos projetos culturais e políticos. Permanece na atividade jornalística, mas sua prosa ágil adota a forma de *ensaio*

* Professor de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (Uems). E-mail: deni_out27@uol.com.br

** Professor de Ciência Política da Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: leandrogalastri@gmail.com

para expressar as vicissitudes de seu tempo, uma junção *sui generis* entre ciência e imaginação, razão e mito. Distante da formação universitária positivista, Mariátegui contribuiu para a emergência de um vocabulário novo no Peru da década de 1920 e, por isso, ocupa um lugar único na história intelectual do século XX. Não foi, afinal, desse terreno fértil que brotou a afamada literatura latino-americana mundialmente conhecida, sobretudo a partir da década de 1960, através de nomes tais como Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Mario Benedetti, José María Arguedas e Guimarães Rosa?

Acontecimentos, temas e problemas políticos, econômicos, sociais e culturais os mais diversos são indagados por Mariátegui. Ora anacrônica, ora atual, a produção mariateguiana se fazia mais na improvisação do dia a dia, nas tensões e problemas da vida concreta, do que na previsibilidade das teorias sistemáticas e abstratas. Em um contexto de especialização acadêmica como o dos dias atuais, é difícil imaginar como se deu a construção social de uma obra cujos condicionantes foram tão pouco favoráveis para sua constituição. Resenhas de livros recentes; biografias de personalidades públicas; ensaios sobre história, economia e cultura peruana; debates sobre a dimensão étnica, regional e religiosa da revolução socialista; polêmicas e dissidências de *estratégias* políticas; estudos sobre a “decadência do Ocidente” e a crise capitalista europeia; fascinação pelas vanguardas artísticas europeias, pelo cinema de Charlie Chaplin, pelas pinturas de José Sabogal; reflexões sobre a Europa Oriental e Ásia. Mariátegui tinha o desejo de compreender e analisar tudo o que lhe inquietava.

No começo do século XX, o Peru era um país formado por temporalidades heterogêneas e não seguia, portanto, o caminho da história “universal” europeia, como bem compreendeu o autor peruano. Desde os primórdios da colonização europeia, na América Latina o capitalismo não coincidia com progresso. No mesmo território era possível avistar as primeiras fábricas e a circulação de panfletos socialistas trazidas por imigrantes europeus para a capital peruana, bem como a existência dos “costumes em comum” das comunidades agrárias indígenas nas montanhas. Aos poucos, o novo e o antigo começavam a se misturar, com a emergente classe operária peruana deparando-se com a prolongada tradição histórica de sublevações dos indígenas acumuladas na região. Era outro encontro entre Ocidente e mundo andino, entre Lenin e Tupac Amaru. Nesse sentido, Mariátegui foi promotor de um *marxismo quéchua*.

Assim como o saxofonista estadunidense criou o *bebop*, primeiro estilo moderno de jazz, o Amauta recriou (improvisou) um marxismo a partir das peculiaridades da história peruana. Tanto Parker quanto Mariátegui fizeram da improvisação um recurso criativo em suas obras, em um tempo extremamente curto. Na articulação entre marxismo e nação, Mariátegui refletia *com* Marx (e não sobre Marx) a indo-américa e seus enigmas; e foi por ser tão genuinamente peruana que sua obra se converteu em um *marxismo universal*, como afirmou Alberto Flores Galindo (1994 [1989], p.388), tão instigante e valiosa como a de Antonio Gramsci,

Georg Lukács, Walter Benjamin, Rosa Luxemburgo e Ernst Bloch. O Amauta transitava sem medida pela produção científica contemporânea de seu tempo, lendo e incorporando autores como Georges Sorel, Benedetto Croce, Leon Trotsky, Piero Gobetti, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Luis Valcárcel, Tristán Marof etc. Nesse sentido, o marxismo de Mariátegui desafiava aquilo que Daniel Bensaïd (2013, p.167) ironizou como sendo a “sacrossanta procissão dinástica – Marx-Engels-Lenin-Stalin” que, nas décadas subsequentes, foi objeto de culto e autoritarismo pelo marxismo oficial. Conforme apontado por Lucien Goldmann (1986, p.49, grifos do autor), seu “procedimento aberto” não hesitou, portanto,

em entrar em conflito com os preconceitos mais arraigados, as autoridades mais estabelecidas, as verdades aparentemente evidentes, e *antes de tudo*, não [hesitou em] temer qualquer *ortodoxia* nem qualquer *heresia*; dois perigos que são *ambos igualmente grandes* [nas ciências humanas].

Seja como for, desde sua morte, a obra de Mariátegui foi disputada por distintos intelectuais e movimentos políticos, especialmente no Peru e na América Latina. Ainda com o risco de alguma margem de imprecisão, podemos dividir em três períodos o “estado da arte” dos estudos mariateguianos, que tomaram forma a partir de meados do século XX. O início da primeira fase foi a publicação das *Ediciones Populares de las Obras Completas*, entre 1959 e 1970, organizado pela viúva Ana Chiappe e seus quatro filhos, Sandro, Siegfried, José Carlos e Javier Mariátegui Chiappe. Foram editados paulatinamente 20 volumes da coleção, cujo acervo foi selecionado por temas, com grandes tiragens e preços baratos. O sucesso da coleção da editora Amauta fez que cada livro, uns mais outros menos, ganhasse sucessivas edições.

Outro marco dos estudos mariateguianos nessa primeira fase foi a publicação da *Bio-bibliografía de José Carlos Mariátegui*, de Guillermo Rouillon em 1963, na qual realizou um repositório de todos textos de Mariátegui disponíveis até aquele momento, organizados de forma cronológica. Essas iniciativas possibilitaram a circulação de Mariátegui entre as décadas de 1960 e 1970, não apenas no Peru e na América Latina, mas também despertaram o interesse de intelectuais europeus de origem gramsciana, tais como o francês Robert Paris e o italiano Antonio Melis. Não custa recordar que a crescente popularização de Mariátegui estava, em grande medida, condicionada pelo crescente interesse internacional sobre a história das revoluções e contrarrevoluções na América Latina motivado, principalmente, pela eclosão da Revolução Cubana de 1959.

Uma segunda fase está marcada por duas datas comemorativas, o cinquentenário da obra *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, em 1978, e da morte de Mariátegui, em 1980. Nesse novo período dos estudos mariateguianos, o México desempenhou um papel fundamental, tendo se tornado anfitrião de intelectuais, pesquisadores e professores engajados, banidos das ditaduras

militares instaladas no Cone Sul. Com uma expressiva infraestrutura e tradição nas ciências sociais no país asteca, a coletânea *Mariátegui y las origenes del marxismo latinoamericano* (1978), de José Aricó, diretor da coleção *Cuadernos de Pasado y Presente* da Biblioteca del Pensamiento Socialista da Editorial Siglo XXI e *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui* (1981) de Robert Paris (traduzido para o castelhano pelo “mariateguista” argentino Oscar Terán) tiveram uma ampla repercussão.

Em 1980, organizou-se, ainda, o Congresso Internacional na Universidad de Sinaloa na cidade de Culiacán, reunindo pesquisadores europeus, estadunidenses e latino-americanos, além da participação do filho mais novo de Mariátegui, o psicanalista Javier Mariátegui Chiappe, que passou a coordenar de modo mais ativo as atividades intelectuais e acadêmicas sobre seu pai. O Congresso foi também um passo importante para novas perspectivas de análises e informações sobre a “práxis mariateguiana” superando, em alguma medida, a dicotomia ortodoxo *versus* heterodoxo (cf. Beigel, 2006, p.20). Ademais, a divulgação bibliográfica de Mariátegui não se interrompeu: em 1984, publicaram-se os dois tomos *Correspondencia*; entre 1987 e 1994, os oito volumes de *Escritos Juveniles* de 1914-1919, todos eles pela Editorial Amauta.

Uma terceira fase inicia-se no centenário do nascimento de Mariátegui em 1994.¹ Apesar de uma produção flagrantemente apologética, foi também um momento de “nova virada” nos estudos mariateguianos (cf. Melis, 1999, p.248). O colapso do regime soviético e dos países do Leste Europeu contribuiu para “desdogmatizar” o enfoque ortodoxo sobre o pensador peruano que, no afã de provar a fidelidade “marxista-leninista” do autor, minimizava a relação entre tradição e cultura andina, bem como suas referências não marxistas. Nesse contexto, destaca-se a revista *Anuario mariateguiano*, dirigida por Alberto Tauro (e, após sua morte, por Aníbal Quijano) e Antonio Melis. Editada anualmente entre 1989 e 1999, o periódico foi um importante veículo de difusão: publicou textos inéditos do marxista andino, epistolares, excertos e glosas; e promoveu a divulgação de trabalhos de uma nova geração de estudiosos mariateguistas.² Por fim, e mais recentemente, merece destaque também a criação, em maio de 2011, da Cátedra José Carlos Mariátegui, no Peru. Organizada por estudiosos do pensamento mariateguiano sob iniciativa da professora Sara Beatriz Guardia, da Universidad San Marín de Porres (Lima), surgiu como “*un foro de reflexión y*

1 A Empresa Editorial Amauta lançou, por ocasião do centenário, uma edição em dois tomos somando quase 4 mil páginas (“*Mariátegui Total*”), que inclui, além dos escritos já publicados nas *Ediciones Populares de las Obras Completas*, os *Escritos de Juveniles* (ou seja, anteriores à estadia de Mariátegui na Europa), a quase totalidade da correspondência e um extenso painel iconográfico.

2 Com o intuito de disseminar uma leitura genético-evolutiva da obra mariateguiana, seus principais estudiosos prepararam uma edição cronológica de seus escritos na coleção “Archivos” da Unesco (cf. Melis, 1999, p.251). Infelizmente, porém, esse empreendimento ainda não conseguiu se concretizar.

análisis del pensamiento de Mariátegui a través de un debate interdisciplinario y plural”, promovendo eventos periódicos para a discussão e difusão de sua obra, assumindo-o como o “*precursor de la corriente cálida del marxismo de Nuestra América*”.³

Compartilhando esse mesmo espírito, os textos apresentados neste dossiê tratam de temas politicamente estratégicos em relação ao pensamento de Mariátegui. Aníbal Quijano sugere que haveria no marxista peruano uma proposta de racionalidade alternativa, que conferiria ao processo revolucionário peruano e latino-americano elementos práticos e teóricos autônomos em relação às propostas europeias (e eurocêntricas) da social-democracia reformista e do marxismo-leninismo russo. Nessa perspectiva, a reivindicação do pensamento soreliano por Mariátegui possuiria lugar de destaque, em especial o conceito de mito do filósofo francês.

Michael Löwy analisa as propostas e elaborações de Mariátegui a respeito do caráter da revolução latino-americana, apontando os momentos de intersecção com as ideias de Leon Trotsky e da Oposição de Esquerda da União Soviética, bem como as coincidências com a teoria da revolução permanente do líder bolchevique. Ao mesmo tempo, argumenta porque o pensamento de Mariátegui não pode ser aproximado das propostas etapistas do stalinismo, nem do reformismo social-democrata, a despeito das recorrentes tentativas, ao longo do século XX, em uma e outra direções.

André Kaysel desenvolve uma abordagem comparativa entre as perspectivas de Julio Antonio Mella, Haya de La Torre e Mariátegui em relação ao marxismo na América Latina, localizando o cerne da “heterodoxia” do Amauta em sua recusa em conceber o marxismo como uma filosofia da história, o que, ao contrário, fariam os dois outros autores, ainda que com conclusões e opções políticas opostas.

O historiador Luiz Bernardo Pericás traça, em entrevista, a trajetória de recepção e assimilação da obra de Mariátegui no Brasil, suas perspectivas editoriais e sua presença nas universidades e movimentos sociais. Elaborando um paralelo com o legado de Che Guevara, aponta a centralidade das ideias do marxista peruano para as lutas de classe no país e no restante da América Latina.

Deni Rubbo apresenta o modo em que Mariátegui constrói uma crítica dialética da modernidade a partir da periferia do Ocidente, contribuindo, dessa forma, para uma história intelectual marxista decolonial, produzindo um relato crítico do sistema capitalista periférico e debatendo, tanto seu lado moderno, quanto seu lado colonial, destrutivo e violento.

Concluimos esta apresentação com um alerta. É preciso considerar que o marxismo brasileiro apresenta hesitações diante de Mariátegui. Entre elas, aquela que decorre da inescapável necessidade de se articular a variável étnico-racial à

3 O sítio eletrônico disponibiliza artigos apresentados por pesquisadores latino-americanos e europeus em seus encontros. Cf.: <<http://www.catedramariategui.com/catedra.html>>.

realidade das lutas de classes, uma das dimensões nas quais Mariátegui inovou ao elaborar seu marxismo andino; ou a dificuldade em lidar com o que são consideradas suas “heterodoxias” teóricas (entre elas, evocações de Sorel, reivindicações de religiosidade etc.) e práticas (seu aprismo inicial, a fundação de um partido socialista e não “comunista” etc.).

Seguimos ainda lentamente na direção do Amauta. Essa morosidade chega a ser intrigante na conjuntura brasileira, em que o racismo é elemento orgânico na exploração de nossa força de trabalho, em que a propriedade fundiária possui estatísticas de concentração piores do que as de um século atrás, na qual as políticas públicas para os povos originários se resumem, na prática, à eliminação física sistemática, em que pese sua heroica resistência. É justamente, pois, para contribuir com a difusão e estudo da obra do marxista peruano no Brasil que propomos este dossiê, por ocasião da efeméride dos 90 anos, em abril de 2020, de seu precoce desaparecimento. Promover o pensamento integral de Mariátegui, traduzi-lo para nosso tempo e nossas formações sociais, é dar um grande salto para frente em relação às possibilidades da práxis anti-imperialista e anticapitalista em nossa América.

Referências bibliográficas

- ARICÓ, José (org). *Mariátegui y las orígenes del marxismo latinoamericano*. Cidade do México: Siglo XXI, 1978.
- BEIGEL, Fernanda. *La epopeya de una generación y una revista: las redes editoriales de José Carlos Mariátegui en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2006.
- BENSAÏD, Daniel. *Marx, manual de instruções*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- FLORES GALINDO, Alberto. La agonía de Mariátegui: la polémica con el Komintern. In: _____. *Obras completas*, II. Lima: Fundación Andina/Sur Casa de Estudios del Socialismo, 1994.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia: o que é sociologia?*. São Paulo: Difel, 1986.
- MELIS, Antonio. Balance del centenario mariateguiano (1894-1994). *Leyendo Mariátegui*. Lima: Amauta, 1999, p.248-260.
- PARIS, Robert. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. Cidade do México: Siglo XXI, 1981.